

autism spectrum. *International Journal of Psychoanalytic Self Psychology*, 10(1), 53-68.

Ferro, A. (1993). From hallucination to dream: From evacuation to the tolerability of pain in the analysis of a preadolescent. *Psychoanalytic Review*, 80(3), 389-404.

Ferro, A. (1999). *The bi-personal field*. Londres: Routledge.

Ferro, A. (2008). The patient as the analyst's best colleague: Transformation into a dream and narrative transformations. *Italian Psychoanalytic Annual*, 2, 199-205.

Ferro, A. (2009). Transformations in dreaming and characters in the psychoanalytic field. *International Journal of Psychoanalysis*, 90, 209-230.

Ferro, A. e Basile, R. (2009). *The analytic field*. Londres: Karnac.

Habermas, J. (1999). *Teoría de la acción comunicativa*. Madri: Taurus. (Trabalho original publicado em 1981).

Klein, M. (1987). *El psicoanálisis de niños*. Em M. Klein, *Obras completas* (vol. 2). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1932).

Klein, M. (1990a). Contribución a la psicogénesis de los estados maniaco-depresivos. Em M. Klein, *Obras completas* (vol. 1). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1935).

Klein, M. (1990b). El complejo de Edipo a la luz de las ansiedades tempranas. Em M. Klein, *Obras completas* (vol. 1). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1945).

Klein, M. (1990c). Estadios tempranos del conflicto edípico. Em M. Klein, *Obras completas* (vol. 1). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1928).

Lombardi, R. (2008). The body in the analytic session: Focusing on the body-mind link. *International Journal of Psychoanalysis*, 89, 89-109.

Maleval, J. C. (2010). Autismo, enunciación y alucinaciones. *Interrogant*, 10, 49-59. Disponível em: <https://revistainterrogant.org/autismo-enunciacion-y-alucinaciones/>

Meltzer, D. (1975). Dimensionality in mental functioning. Em D. Meltzer, J. Bremner, S. Hoxter, D. Weddell, I. Wittenberg, *Explorations in autism* (pp. 223-238). Londres: Karnac.

Meltzer, D. (1996). *El proceso psicoanalítico*. Buenos Aires: Lumen. (Trabalho original publicado em 1967).

Meltzer, D. (1998). *The kleinian development*. Exeter: Karnac. (Trabalho original publicado em 1978).

Molinari, E. (2020). Intimacy and autism: An apparent paradox. *The Psychoanalytic Quarterly*, 89(3), 483-502.

Nardi, M. (2017). Trying to breathe when there is no more oxygen: Psychoanalysis and autism. *Italian Psychoanalytic Annual*, 11, 137-147.

Nissen, B. (2017). "Emotional" storms in autistoid dynamics. Em D. Power y H. Levine (ed.), *Engaging primitive anxieties of the emerging self: The legacy of Frances Tustin*. Londres: Karnac.

Ogden, T. H. (1989). *The primitive edge of experience*. Nova Jersey: Jason Aronson.

Ogden, T. H. (1994). The analytic third: Working with intersubjective clinical facts. *International Journal of Psycho-Analysis*, 75, 3-19.

Ogden, T. H. (2005). On psychoanalytic supervisión. *International Journal of Psychoanalysis*, 86, 1265-1280.

Pérez de Plá, E. (2000). El sujeto, el cuerpo y el otro. Em E. Pérez de Plá e S. Carrizosa (comp.), *Sujeto, inclusión y diferencia*. México: Universidad Autónoma Metropolitana.

Power, D. (2017). Introduction. Em D. Power y H. Levine (ed.), *Engaging primitive anxieties of the emerging self: The legacy of Frances Tustin*. Londres: Karnac.

Power, D. e Levine, H. (ed.) (2017). *Engaging primitive anxieties of the emerging self: The legacy of Frances Tustin*. Londres: Karnac.

Roitman, Y. (2020). On intersubjective aspects of autism: The 'lightduress' of human contact. *Journal of Child Psychotherapy*, 46(2), 241-254.

Segal, H. (2005). Notes on symbol formation. Em E. Bott Spillius (ed.), *Melanie Klein today* (vol. 1). Londres: Routledge. (Trabalho original publicado em 1957).

Tustin, F. (1986). *Autistic barriers in neurotic patients*. Londres: Karnac.

Tustin, F. (1990). *El cascarón protector en niños y adultos*. Buenos Aires: Amorrortu.

Wing, L. e Gould, J. (1978). Systematic recording of behaviors and skills of retarded and psychotic children. *Journal of Autism and Childhood Schizophrenia*, 8, 79-97.

Winnicott, D. W. (1965). The theory of the parent-infant relationship in the maturational processes and the facilitating environment New York: Int. Univ. Press, pp. 37-55. (Trabalho original publicado em 1960).

Winnicott, D. W. (1996). *Realidad y juego*. Buenos Aires: Gedisa. (Trabalho original publicado em 1971).

Analia Wald*

A infância da época: O que nos ensina a psicanálise em tempos de *avant-coup***

Vamos batizá-la de infância, o que não se fala. Uma infância que não é uma idade da vida e que não passa. Ela povoa o discurso. Ela não para de afastá-la, é sua separação. Mas se obstina, com ele mesmo, em constituí-la, como perda. Sem saber, a acolhe. Ela é seu resto. Se a infância permanece nela, é porque habita no adulto, e não apesar disso.¹
J.-F. Lyotard, *Lecturas de infancia*

For in every adult there dwells the child that was, and in every child there lies the adult that will be.²
John Connolly, *The book of lost things*

A referência explícita ou implícita ao infantil constitui o núcleo ao redor do qual se desdobra, de modo rizomático, o conjunto da teoria psicanalítica. Trata-se da infância como aquilo que transcende os tempos da meninice, para a qual Lyotard (1997) propôs o termo *infantia* (*das infantile*): “Uma infância que não é uma idade da vida e que não passa” (p.15). Se a voz da *infantia* é aquilo que durante toda a vida coloca em jogo “outra cena”, a noção de *criança* afeta a metapsicologia, a clínica e o conjunto de práticas que se fundamentam no pensamento clínico psicanalítico.

Os critérios de definição de *criança* são múltiplos e diversos, mesmo na obra do próprio Freud. Esses critérios não se opõem, mas conformam

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

** Algumas ideias que são desenvolvidas neste trabalho foram expostas em duas apresentações e três publicações no Congresso Virtual Fepal 2020. Ampliando os enquadres para alojar os novos desafios em psicanálise de crianças, Transformações na prática clínica com meninos, meninas e adolescentes. Intervenções em zonas de fronteiras: Reorganização epistêmica? e Psicanálise extra-muros: Uma caixa de ferramentas teórico-clínica para atravessar as fronteiras do consultório.

1. N. do T.: Esta e as demais citações são de tradução livre, exceto quando se especifica o contrário.
2. N. do T.: *Pois em cada adulto vive a criança que ele foi um dia/ e em cada criança espera o adulto que ela será.* Tradução de C. Prada. A tradução corresponde a Connolly, J. (2010) *O livro das coisas perdidas*. Cecília Prada (trad.) Bertrand Editora, Lisboa. (primeira publicação 2006)



um mosaico que permite cercar os modos de constituição do “infantil” ao longo dos tempos da infância. O perverso polimorfo da sexualidade infantil; a criança maravilhosa do narcisismo; a criança que goza do fantasma da surra; a criança do desamparo originário frente às palavras, as seduções e os traumas dos adultos; a criança que teoriza sobre essas seduções e traumas dos adultos vai se encaixando de modo recursivo e rizomático na trama multidimensional dos tempos prévios ao *après-coup*.

Os psicanalistas que trabalhamos com crianças e adolescentes estamos em contato com esta dimensão da infância que habitará para sempre no adulto e que incide nos modos e na qualidade dos laços com os que essa criança no adulto contribuirá para a construção da comunidade e para a transmissão às novas gerações.

Analítica das práticas: A psicanálise de crianças

A psicanálise surgiu como conhecimento do espaço intrapsíquico, tratando sofrimentos de origem psíquica. Seu método inaugural foi o tratamento individual dos adultos neuróticos. As primeiras extensões da psicanálise se referem a tratamentos de crianças e adolescentes, de pacientes psicóticos e *borderlines*. Segundo Kaës (13 de outubro de 2015), cada vez que se produziram extensões, a psicanálise se agitou. A psicanálise de crianças envolveu desenvolvimentos importantes em relação ao lugar do jogo e do desenho, que envolvem teorizações sobre a atividade representativa e a constituição psíquica. Desde cedo a questão do lugar dos pais – no tratamento de Joãozinho, na polêmica Anna Freud-Melanie Klein, assim como na proposta de Winnicott de que não existia um bebê sem alguém mais – alterava a teoria. Como incorporar as riquíssimas contribuições de Winnicott em relação com o ambiente e com a orientação francesa a respeito do lugar da criança no desejo e no discurso dos pais sem perder a especificidade do trabalho com a criança? Conceitos como processo de metabolização, em Piera Aulagnier (1976); de metábola, em Laplanche (1987/1989); de estrutura enquadrante, em Green (2002/2010), dão conta do trabalho psíquico necessário que vincula o eixo intersubjetivo com o eixo intrapsíquico.

A partir das teorias de diferentes autores que se aprofundaram no psiquismo precoce, a prática foi se estendendo ao trabalho clínico com bebês: transtornos da primeiríssima infância (sonho, alimentação, depressões precoces, autismo). Começaram a surgir outros meios de tratamento do sofrimento psíquico diferentes do tratamento individual: os psicanalistas de crianças ingressamos em hospitais, escolas, para trabalhar com professores e psicólogos escolares, incorporamos enquadres clínicos grupais, orientação a pais e outras práticas.

Por outra parte, atualmente algumas consultas demandam um trabalho de alojamento das crianças nas instituições escolares. A aplicação da lei de identidade de gênero requer às vezes um trabalho coordenado com a escola, que em ocasiões deve enfrentar a outros pais. Ocorre algo parecido com as crianças com transtornos graves na subjetivação, com as quais a inclusão ou a criação de enquadres adaptados requer a participação ativa do psicanalista.

Os desafios que são apresentados aos psicanalistas de crianças e adolescentes no mundo atual requerem uma abertura do enquadre que supõe abrir a experiência a outros fenômenos que os enquadres atuais

nos impedem de perceber. Entendemos por enquadres os modos particulares com os quais outorgamos sentido à complexidade das situações. Não me refiro exclusivamente aos enquadres teóricos, mas também às estruturas de crenças, percepções, valores, preconceitos e apreciações com as que abordamos as situações clínicas e nos propomos a transformá-las (Schön, 1983)³.

Minha proposta é que as transformações na clínica com crianças e adolescentes implicam a incorporação *de fato* de múltiplas dimensões que mudaram a própria textura das práticas. A hipótese deste trabalho é que a ampliação do enquadre na psicanálise de crianças possibilita contribuições teórico-clínicas, metapsicológicas, epistemológicas e metodológicas à psicanálise em geral. Talvez seja tempo de pensar que a psicanálise, enquanto prática cultural e simbolizante, é uma só e é plural.

Contribuições teórico-clínicas: Uma cartografia dinâmica dos processos psíquicos

Uma primeira ampliação do enquadre está relacionada com dar lugar à diversidade sexual e de gênero e às novas parentalidades. As normas legais de muitos países foram modificadas para incluir a diversidade no mesmo nível das identidades e das configurações familiares. A ideia de família como estrutura de alojamento e transmissão segue vigente, mas suas modalidades de configuração se enriqueceram e se tornaram mais complexas. O estabelecimento das funções da parentalidade com autonomia de gêneros e posições sexuadas envolve uma transformação em todo o sistema de parentesco. Já não se trata apenas dos efeitos das famílias montadas que caracterizaram a passagem para a modernidade líquida ou das paternidades e maternidades homoeróticas, mas de que as técnicas de reprodução possibilitam, por exemplo, um homem trans gestante.

Os novos “existires” demandam novas cartografias e novos modos de cartografar. Durante anos acreditamos que o sexo biológico era uno, e agora resulta que também a biologia está feita de discurso e descobrimos que sua evolução foi permeada pela ordem sexual moderna. A ideia de uma coincidência harmônica e feliz entre o sexo gonadal, o sexo cromossômico, e sexo anatômico e o neurodesenvolvimento levou a patologizar e tentar “normalizar” as pessoas intersexuais. Os novos existires questionam a ideia de uma identidade consistente e imutável, sem hibridações, sem instabilidades nem matizes. Identificações que acreditávamos imodificáveis e garantidoras de estabilidade estrutural podem mutar sem um colapso subjetivo. O ordenamento segundo o complexo de Édipo e o de castração não é o único possível: o sexual pulsional (sempre em excesso) pode se ligar, organizar e objetivar de formas diversas; a diferença sexual perde centralidade na constituição subjetiva e na construção da alteridade.

3. A noção de enquadre apresenta notáveis coincidências com o conceito de Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO), de Enrique Pichón Rivière. Em 1976, Pichón Rivière definiu o ECRO como um conjunto organizado de conceitos gerais, teóricos, referidos a um setor do real, a um determinado universo de discurso que permite uma aproximação instrumental ao objeto particular (concreto). O ECRO é a teoria e o repertório metodológico com os quais se aborda o sujeito em suas condições concretas de existência para compreender assim sua conduta nos diferentes âmbitos nos quais se encontra imerso. Esse esquema referencial, esse “dispositivo para pensar”, permite perceber, distinguir, sentir, organizar e operar na realidade (Zito Lema, 1976).

O trabalho no campo da diversidade sexual e de gênero me mostrou que o que pode adquirir consequências dramáticas é a precariedade no alojamento desejante na trama familiar e social. Os psicanalistas sabemos o que pode implicar para uma criança um alojamento lábil no desejo do Outro. Mas esse Outro esteve, em nossos enquadres, mais ligado à trama edípica em sua versão familiar. Por outro lado, quero chamar a atenção sobre o papel que desempenha na constituição subjetiva a qualidade do lugar de uma criança no discurso social. E nesse ponto, o campo se amplia a pessoas excluídas ou marginalizadas por pertinência de gênero, etnia ou orientação sexual, ou por pertencer a setores de pobreza. Mais ainda em nossos países marcados pela desigualdade e por modos estruturais de discriminação e racismo. Por isso é imprescindível que os psicanalistas ampliem nossos enquadres para evitar reproduzir esses modos de exclusão.

Quais são os instrumentos que nos oferece a psicanálise para ampliar o enquadre para alojar as identidades precárias no mundo de hoje, para pensar a subjetividade em sua evolução transformadora e em sua multidimensionalidade?

Em primeiro lugar, torna-se necessário sustentar um grande X para nos referirmos a tudo o que ainda não sabemos, o que desconhecemos e que às vezes nos assusta porque *ainda* não entrou em nossos enquadres. Logicamente que há dinamismos desejantes nos adultos encarregados das crianças, mas há dinamismos biológicos, hormonais, neurológicos, e também está, como diria Lacan, *a insondável decisão do ser*. A extensão dos domínios da psicanálise implica a aceitação de que sua base teórica atual (seja para o autismo, para as problemáticas de gênero, para as desarmonias evolutivas e para outras formas de padecimento) é necessária, mas não suficiente, e se enriquece com contribuições de outros territórios e disciplinas como a antropologia, os estudos de gênero, a neurobiologia, entre outros. Cabe apontar que os processos de lateralização, a visão binocular, a articulação fonológica e diversos processos que envolvem o eixo psicossomático ocorrem no interior de culturas particulares que lhes conferem sua impressão: a psicanálise de crianças é hoje, mais que nunca, uma prática de fronteiras.

Em segundo lugar, em relação às práticas⁴ de criação, os processos de libidinização, transvasamento narcisista, antecipação e transmissão da linguagem fundamental por parte dos adultos para as novas gerações se produzem em uma dinâmica de presença e ausência com efeitos estruturantes no psiquismo da criança. As contribuições erógenas e libidinais se organizam em ritmos, sequências e cadências que geram enigmas, cortes, separação e diferença. Essas funções podem estar exercidas por uma pessoa ou muitas, mas são exercidas de modo fragmentário, não binário e não necessariamente relacionado com o gênero. Ou seja, nos tempos *avant-coup* a possibilidade de que uma criança construa adiamentos e capacidades sublimatórias depende de uma operatória complexa não designável a pessoas específicas.

Em terceiro lugar, a perspectiva psicopatológica se revelou insuficiente para abordar as diversas formas de padecimento de crianças e jovens. Como contraponto à criação de categorias diagnósticas dos últimos anos, que está relacionada com a crescente medicalização da

4. As práticas são eventos ou acontecimentos históricos singulares que constituem *modos de dizer, modos de fazer, modos de produzir e modos de pensar* (Rodríguez Zoya, 2018).

vida e mercantilização da atividade científica, podemos propor, por outro lado, uma *cartografia dinâmica dos processos psíquicos*. Quais são os processos psíquicos que necessitamos cartografar? A organização do campo desejante e discursivo familiar, o alojamento no campo social, a organização do campo pulsional sexual sempre em excesso que entra em diálogo recursivo com o corpo e com o gênero designado ao nascer. A matriz de subjetivação edípica continua sendo a mais habitual em nossa cultura, mas não é a única. O eixo da questão está nos apoios veiculados nos vínculos com os adultos cuidadores que possibilitam a constituição das diferentes operações simbólicas que serão o núcleo do infantil e sua reelaboração adolescente: constituição dos autoerotismos integradores da sensorialidade, saída da sexualidade autoerótica e do encerramento narcisista, constituição do pensamento autônomo, reconhecimento da alteridade, queda da onipotência, regulação dos gozos sexuais, investimento do campo social e constituição de um projeto identificatório, desdobramento de processos imaginativos e de pensamento crítico.

Contribuições para a metapsicologia: O campo social

O trabalho com subjetividades pertencentes a setores que não foram alcançados pela psicanálise nos confronta com a ideia de que as crianças e seus pais fazem parte de um contexto social com alojamentos diversos. O lugar que o Outro dá ao sujeito é fundamental na construção da alteridade e do laço social: constitui o umbral a partir do qual construímos, de forma recursiva, nossos próprios fantasmas das relações com o mundo social. Um nome, uma filiação, uma vaga na escola são pontos na carta de cidadania para um sujeito que, em contrapartida, assume lugares, objetos, pessoas, vozes, cantos, rituais, modos de falar da cultura que o reconhece e que reconhece como própria. Esses se tornam referências que sustentam a criança na elaboração de um projeto identificatório. Em síntese, nosso enquadre deve contemplar o legado cultural e identificatório de cada criança e ponderar os modos nos quais seu grupo de pertinência acompanha ou obstaculiza os processos de constituição subjetiva e simbólica.

Desta forma, as problemáticas na infância nos mostram o circuito de codeterminação de efeitos entre os vínculos, a intersubjetividade e o espaço intrapsíquico. No entanto, isso não ocorre de uma vez e para sempre: o conceito de “plasticidade” na construção de sua identidade, por parte do sujeito – a partir de uma perspectiva complexa e crítica – tem implicações tanto pedagógicas como éticas, estéticas e políticas (Malabou, 2004).

É necessário ampliar a metapsicologia para dar conta da pluralidade de lugares, dinâmicas e economias da realidade psíquica. Diversos autores estenderam a tópica psíquica para articular os níveis de integração psique-soma-meio. Como uma fita de Moebius, não há fronteiras nítidas que separem o interno do externo, o próprio do alheio.

Trata-se de espaços contínuos, diferentes, mas fundidos entre si. Os níveis de permeabilidade ao exterior no mundo psíquico são variáveis e se situam ao longo de um contínuo. O conceito de contrato narcisista de Piera Aulagnier (1976) outorga ao discurso sociocultural uma função estruturante no psiquismo da criança. A necessidade de relações intersubjetivas para a dinamização do psiquismo na infância propõe o lugar das instituições na constituição subjetiva: sabemos que o psiquismo se



↑
6 septembres, 2005
 Christian Boltanski
Installation, 3 DVD, 3 remote controls, 3 min. looped
 Courtesy: Christian Boltanski Studio and Marian Goodman Gallery
 ©Christian Boltanski, Licensed by ADAGP
 Photo credit: John Berens

enriquece quando se estabelecem relações significativas com os objetos culturais. A escola é a oportunidade e o direito que têm as crianças para o desdobramento do psiquismo: é nos atravessamentos institucionais que se constitui o lugar do semelhante, potencializa-se o intercâmbio simbólico pela constituição do “comum”, coloca-se em jogo a diferença no encontro com o outro. É responsabilidade dos Estados que essas relações se estabeleçam, e é por isso que os psicanalistas não podemos ser alheios ao conceito de educação inclusiva, não estigmatizante (Schlemenson, 2014), que é aquela que abriga as oportunidades da diferença, possibilitando a retificação da precariedade simbólica transmitida, os fantasmas de exclusão ou o alojar lável no desejo do Outro familiar. É responsabilidade dos Estados que essas relações continuem, ainda que em tempos de confinamento por pandemia (Wald *et al.*, 2020).

Devemos dar lugar na teoria e no método psicanalíticos para o fato de que a potencialidade de inclusão da diferença e a estabilização da relação com o semelhante não ocorre exclusivamente no consultório, mas sim no campo social, em uma dinâmica complexa, dialógica e recursiva.

É na construção do comum a todos que se desdobram os processos imaginativos como potência de resposta subjetiva: a imaginação como

recurso indispensável para a construção de um projeto identificatório e uma expectativa desejante de transformação social. O sujeito da plasticidade é um sujeito da temporalidade, da não-linearidade, do devir, sempre aberto à oportunidade de neogênese.

Contribuições epistemológicas: Abordagem de fronteiras e epistemologia da prática

As concepções anteriores se concretizam em um programa clínico assistencial no âmbito da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires⁵, no qual trabalhamos com meninos, meninas e jovens, e suas famílias, que apresentam diferentes situações de vulnerabilidade: exclusão socioeconômica, simbólica, diglossia conflitiva de línguas, população imigrante ou algum diagnóstico neurológico. Ou seja, condi-

5. Programa de Assistência Psicopedagógica. Secretaria de Extensão Universitária. Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires. O programa está vinculado à pesquisa UBACyT 20-21 “Problemas de aprendizagem: tratamento de meninas e meninos com problemáticas complexas” com sede no Hospital das Clínicas. Diretora: Analia Wald. O programa assistencial recebe consultas das Equipes de Orientação Escolar da Cidade de Buenos Aires e da Seção de Neuropediatria do Hospital das Clínicas.

cionantes neurobiológicos, sociais e histórico-afetivos incidem na disponibilidade psíquica das crianças e na organização de seus processos de simbolização. Não se trata de multideterminação ou pluricausalidade, mas de complexidade na qual os diferentes aspectos se coisificam e co-determinam de forma dialógica e recursiva⁶.

A abordagem clínica de crianças que apresentam estas dificuldades promove a pergunta sobre as oportunidades para o surgimento do potencial de cada sujeito. A oferta simbólica social encarnada na escola restringe ou potencializa o desejo de abertura. O enquadre clínico possibilita ressignificar as conflitivas e as capturas narcísicas, mas é necessária uma conjunção de intervenções na criança com problemáticas clínicas complexas, abandonando as casualidades simplificadoras e incorporando uma abordagem de fronteiras. No programa, todas as crianças e os adultos encarregados participam do dispositivo clínico grupal, mas, ao mesmo tempo, cada criança requer a criação de dispositivos *ad-hoc*, a partir de hipóteses clínicas elaboradas pela equipe interdisciplinar na qual os psicanalistas necessitam traduzir dimensões psíquicas para participar na construção de uma linguagem comum.

A pergunta que é proposta aos praticantes é como incorporar os saberes e o capital simbólico envolvido nas novas práticas, ao corpus teórico da psicanálise. Schön (1983) propõe a busca de uma nova epistemologia da prática implícita nos processos intuitivos e artísticos que alguns profissionais realizam nas situações de incerteza, instabilidade e singularidade. Quando um praticante reconhece uma situação como única, não pode tratá-la somente mediante a aplicação de teorias e técnicas derivadas de seu conhecimento profissional. Nesse conhecimento estabelecido na ação Schön diferencia basicamente dois componentes: por um lado, o saber de caráter teórico que corresponde ao adquirido por meio do estudo científico, o que pode se chamar coloquialmente o *saber de livro* e, por outro, o *saber-na-ação*, procedente da prática profissional, e que é algo tácito, espontâneo e dinâmico. Haveria uma “inteligência” própria na atuação, a epistemologia da ação seria a elucidação do saber por trás das ações. Essa é a ideia do pensamento clínico (Green, 2002/2010). Ainda que o trabalho com um caso resista a generalizações, o que este caso nos ensina se recorta no horizonte de uma pluralidade. O problema que é proposto aos praticantes da psicanálise é a validação dos novos conhecimentos que cada situação gera e sua incorporação às teorias existentes. A contribuição teórica geralmente remete a estabelecer categorias que permitam compreender as particularidades das relações que vão sendo configuradas e se tornando mais complexas em cada situação. Temos assim a possibilidade de construir modelos que permitam outorgar sentido a muitos dos fenômenos observados. Obviamente, esse sentido está dado irredutivelmente pela teoria de referência. E a viabilidade do novo modelo é ponderada de acordo com a correspondência e as discrepâncias com a teoria base, e sua capacidade, segundo outros colegas, de dar conta dos processos observados.

6. A definição proposta por Rolando García (2006) argumenta que os sistemas complexos são sistemas não decomponíveis cujos elementos estão interdefinidos. Os problemas clínicos que as crianças que assistimos apresentam não podem ser abordados nem compreendidos de forma isolada por nenhuma das disciplinas, pelo fato de que neles se articulam e ressignificam reciprocamente diferentes fatores.

Um conceito “fronteira”: A produção simbólica

Em nossa equipe cunhamos o conceito de produção simbólica⁷, que se refere às produções com as que as crianças e jovens interpretam o mundo e constroem um sentido a partir de sua experiência. É um conceito da complexidade, ponte entre a atividade psíquica e o mundo social: enquanto objeto teórico, é uma trama conceitual de hipóteses metapsicológicas (dimensões desejantes, formas de atividade representativa, oferta simbólica parental e cultural, conflitivas predominantes) e, por outra parte, implica referentes empíricos concretos, como desenhos, jogos, redações, narrativas, vídeos, canções, leituras e conhecimentos escolares (Wald *et al.*, 2019). As produções que as crianças e jovens realizam em seus tratamentos clínicos articulam dimensões corporais, simbólicas, psíquicas e culturais que dão conta dos processos psíquicos e dos eixos de sentido que intervêm em sua produção. A hipótese é de que a dinamização e a ampliação da produtividade simbólica tracam uma margem para a compulsão repetitiva por meio de uma derivação transformadora.

Uma escuta/leitura psicanalítica das produções proporciona novas aberturas tendentes a “neutralizar” as operações defensivas. Daniel Lagache (1968) retomou de Bibring (1943) o conceito de “mecanismo de desprendimento” para diferenciá-lo das operações defensivas do eu. A operação defensiva é substituída por uma operação de desprendimento: “não se destrói, mas sim se substitui” (Lagache, 1968, p. 22). Desse modo, a defesa modifica sua relação com a compulsão de repetição.

Silvia Bleichmar (23 de agosto de 2007) retomou estas ideias sustentando que o colocar para fora em Bibring ou o mecanismo de desprendimento de Lagache seriam formas da criação, formas da produção simbólica que, a partir do mal-estar psíquico, permitem um enriquecimento. As crianças sem dificuldades realizam essa transformação do mal-estar psíquico de forma espontânea mediante o jogo e podem dinamizar sua atividade psíquica a partir das ofertas sociais existentes.

Intervir de, em e a partir das produções simbólicas é uma aposta para gerar transferências em espaços impensados, para relançar trajetórias produtivas, para imaginar o impossível como possível. As produções simbólicas imaginativas são um recurso essencial para o pensamento autônomo e para a elaboração de qualquer projeto de transformação no campo social de crianças (Wald, 2018). Essa é nossa aposta no trabalho com crianças de hoje para a criança no adulto do futuro.

Cada vez se torna mais evidente que o modo no qual enquadramos as problemáticas está influenciado por nossas disposições teóricas, éticas e políticas. O conceito de *praxis* promove a interrogação como atitude permanente para estar em diálogo com as mudanças que vivemos. O mundo da pós-pandemia, em sua mais cruel desigualdade, estará nos esperando.

Resumo

Propõe-se que as transformações na clínica com crianças e adolescentes implicam a incorporação *de fato* de múltiplas dimensões que mudaram a textura das práticas. A hipótese deste trabalho é que a ampliação do

7. A cátedra de Psicopedagogia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires, o Programa de Assistência Psicopedagógica e o Programa de Pesquisa foram criados em 1986 pela Dra. Silvia Schlemenson.

enquadre na psicanálise de crianças possibilita contribuições teórico-clínicas, metapsicológicas, epistemológicas e metodológicas para a psicanálise em geral. A partir da análise das práticas atuais de educação, propõe-se uma cartografia dinâmica dos processos psíquicos que se distancia das perspectivas psicopatológicas. São desenvolvidos os modos nos quais as problemáticas na infância mostram o circuito de code-terminação de efeitos entre os vínculos, a intersubjetividade e o espaço intrapsíquico, associado à ideia de um psiquismo aberto ao campo social e aos processos de neogênese. Desdobra-se o conceito de produção simbólica como ponte entre processos psíquicos e os objetos culturais. Propõe-se a epistemologia da ação como a elucidação do saber a partir das ações, afinada com a ideia do pensamento clínico.

Palavras-chave: *Imaginação, Socialização, Subjetivação, Transformações.*

Abstract

It is postulated that the transformations in the clinic of children and adolescents imply the incorporation of multiple dimensions that have changed the texture of practices. The hypothesis of this work is that the broadening of the framework in the psychoanalysis of children makes possible theoretical-clinical, metapsychological, epistemological and methodological contributions to psychoanalysis in general. Starting from the analysis of current parenting practices, a dynamic cartography of psychic processes is proposed that distances itself from psychopathological perspectives. The ways in which problems in childhood show the circuit of co-determination of effects between the links, the intersubjectivity and the intra-psychic space are developed, associated with the idea of a psyche open the social field and to the processes of neogenesis. The concept of “symbolic production” is developed as a bridge between psychic processes and cultural objects. The epistemology of action is proposed as the elucidation of the knowledge behind the actions related to the idea of clinical thought.

Keywords: *Imagination, Socialization, Subjectivation, Transformations.*

REFERÊNCIAS

- Aulagnier, P. (1976). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bibring, E. (1943). The conception of the repetition compulsion. *The Psychoanalytic Quarterly*, 12(4), 486-519.
- Bleichmar, S. (23 de agosto de 2007). Juego infantil, producción de sentido y “Gatita”. *Página12*. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/psicologia/subnotas/90109-28789-2007-08-23.html>
- García, R. (2006). *Sistemas complejos: Conceptos, método y fundamentación epistemológica de la investigación interdisciplinaria*. Barcelona: Gedisa.
- Green, A. (1996). *La metapsicología revisitada*. Buenos Aires: Eudeba. (Trabalho original publicado em 1995).
- Green, A. (2010). *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 2002).
- Kaës, R. (13 de outubro de 2015). *Problemas planteados por la extensión del psicoanálisis: Obstáculos y aperturas clínicas y teóricas*. Videoconferência para a Asociación Psicoanalítica Argentina, Buenos Aires. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B4QV-hsNS-EZYmhtdEtOZHfSbEk/view>
- Lacan, J. (1999). *El seminario de Jacques Lacan, libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lagache, D. (1968). El psicoanálisis y la estructura de la personalidad. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*. Disponível em: <http://www.apuruguay.org/apurevista/1960/16887247196810010203.pdf>
- Laplanche, J. (1989). *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis: La seducción originaria*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (2003). *Castración. Simbolizaciones: Problemáticas 2*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1980).
- Lyotard, J.-F. (1997). *Lecturas de infancia*. Buenos Aires: Eudeba.
- Malabou, C. (2010). *La plasticidad en espera*. Santiago do Chile: Palinodia.
- Rodríguez Zoya, L. (coord.) (2018). *La emergencia de los enfoques de la complejidad en América Latina: Desafíos, contribuciones y compromisos para abordar los problemas complejos del siglo XXI* (vol. 2). Buenos Aires: Comunidad Editora Latinoamericana.
- Schlemenson, S. (2014). *Modalidades de aprendizaje: El afecto en la clínica psicopedagógica y el espacio escolar*. Buenos Aires: Mandioca.
- Schön, D. (1983). *The reflective practitioner: How professional think in action*. Nova York: Basic Books.
- Wald, A. (2018). Los procesos imaginativos en los dibujos de los niños. Em R. Lerner (org.), *Atualidades na investigação em psicologia e psicanálise* (vol. 1, pp. 93-108). São Paulo: Blucher.
- Wald, A., Grunberg, D., Benavidez, M. e Hamuy, E. (2019) Abordaje interdisciplinario para ampliar el potencial simbólico de niños, niñas y adolescentes con problemas clínicos complejos. *Intervenciones en zonas de frontera. Anuario de Psicología*, 26, 355-362.
- Wald, A., Rodríguez, R. e Di Scala, M. (2020). *El Programa de Asistencia Psicopedagógica en tiempos de ASPO por COVID 19*. Trabalho apresentado no 12º Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología, 27ª Jornadas de Investigación, 17º Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR, 2º Encuentro de Investigación de Terapia Ocupacional, 2º Encuentro de Musicoterapia, Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. Disponível em: <https://www.aacademica.org/000-007/283.pdf>
- Winnicott, D. W. (1999). Desarrollo emocional primitivo. Em D. W. Winnicott, *Escritos de pediatría y psicoanálisis*. Barcelona: Gedisa. (Trabalho original publicado em 1945).
- Zito Lema, V. (1976). *Conversaciones con Enrique Pichón Rivière. Sobre el arte y la Locura*. Buenos Aires: Cinco.